

## REGIÕES DEMARCADAS

# A capital vai ajudar a vender vinho

Lisboa e Tejo passam a ser regiões produtoras. Notoriedade justifica as novas indicações geográficas

Em três hectares de vinha experimental, o Instituto Superior de Agronomia tem uma produção modesta, limitada a vinhos para ensaios de vinificação e consumo interno, o suficiente para mostrar que a cidade também dá o seu contributo para a nova Região Vitivinícola de Lisboa.

A indicação geográfica Lisboa, que agrega todos os vinhos produzidos e certificados na região,

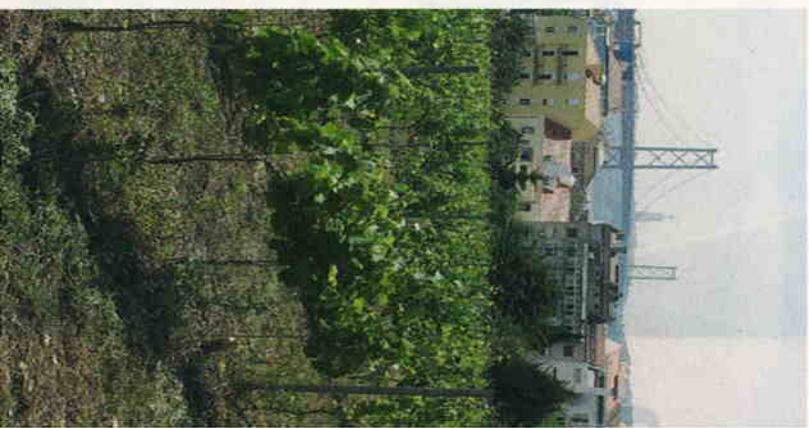
## QUOTA DE MERCADO

# 80%

é a quota da região de Lisboa entre os vinhos certificados

do externo, para destinos como Angola, Brasil, Austrália, Estados Unidos, Canadá, Escandinávia, Reino Unido e Alemanha, a região acredita ter, aqui, potencial para crescer e consolidar a sua tradição vitivinícola, com domínio das castas Castelão (tinto) e Arinto (branco).

A nova designação, oficializada em Abril, vem concretizar uma ideia já com cinco anos e surge pouco tempo depois de a



# A capital vai ajudar a vender vinho

Lisboa e Tejo passam a ser regiões produtoras. Notoriedade justifica as novas indicações geográficas

Em três hectares de vinha experimental, o Instituto Superior de Agronomia tem uma produção modesta, limitada a vinhos para ensaios de vinificação e consumo interno, o suficiente para mostrar que a cidade também dá o seu contributo para a nova Região Vitivinícola de Lisboa.

A indicação geográfica Lisboa, que agrega todos os vinhos produzidos e certificados na região, veio substituir a designação Estremadura, herdando os seus 30 mil hectares de vinha e 20 milhões de garrafas certificadas por mais de uma centena de engegarafadores.

“A indicação Lisboa tem mais notoriedade e é mais fácil de pro-nunciar para os estrangeiros. Também evita confusões com a Extremadura espanhola”, justifica o presidente da Comissão Vitivinícola da Região de Lisboa, João Ghira, apoiado num estudo de mercado que confirmou as vantagens da mudança.

## QUOTA DE MERCADO

80%

é a quota da região de Lisboa entre os vinhos certificados pelas diferentes comissões de viticultura. A nível nacional, o peso sobe para 15% de acordo com dados da Comissão Vitivinícola da Região de Lisboa

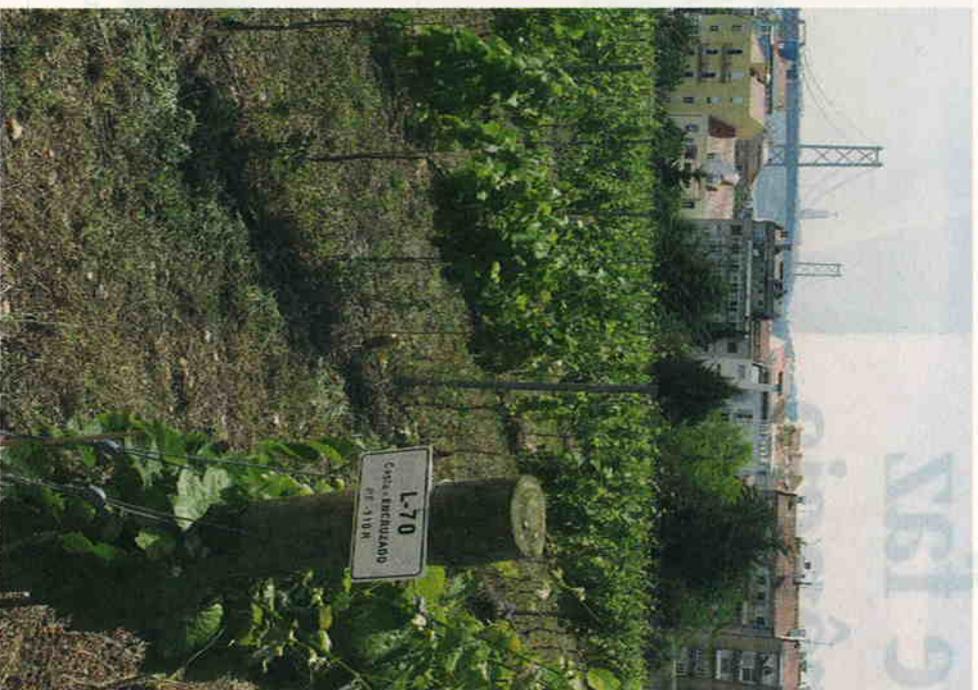
Numa altura em que a região procura reforçar a sua vocação exportadora, Lisboa surge, assim, como “a escolha certa”, capaz de valorizar o produto e potenciar sinergias com ações turísticas.

Com 50% dos vinhos certificados já canalizados para o merca-

do externo, para destinos como Angola, Brasil, Austrália, Estados Unidos, Canadá, Escandinávia, Reino Unido e Alemanha, a região acredita ter, aqui, potencial para crescer e consolidar a sua tradição vitivinícola, com domínio das castas Castelão (tinto) e Arinto (branco).

A nova designação, oficializada em Abril, vem concretizar uma ideia já com cinco anos e surge pouco tempo depois de a Câmara de Oeiras ter aprovado a criação da Confaria do Vinho de Carcavelos, região onde o próprio marques de Pombal teve uma quinta que conseguiu registar como fornecedora da Região Demarcada do Douro.

Mas apesar de nunca ter tido a reputação internacional do vinho do Porto, a região também teve o seu Lisbon Wine, comercializado no Reino Unido no início do século XX, e ainda hoje produz vinhos licorosos e espumantes. Assim, a par dos espumantes com Denominação de



Origem Bucelas e Óbidos, passará a haver o Regional Lisboa Espumante e o Vinho Licoroso de Lisboa.

No mercado passará a vender-se, também, o vinho Regional Lisboa e vinho da Região de Lisboa, ao lado das Denominações de Origem Colares, Buce-

las, Carcavelos, Óbidos, Alenquer, Arruda dos Vinhos, Encostas D'Alre e Torres Vedras.

Só a produção vitivinícola da cidade é que não poderá retomar a pujança de outros tempos, quando até a zona de Belem produzia mais de 200 pipas, como aconteceu em 1880.

A alteração da indicação geográfica surge num contexto de reorganização institucional do setor em que a indicação geográfica Tejo também substitui o Ribatejo, dando lugar ao vinho regional Tejo e ao DOC Tejo.

Aqui, a mudança é justificada por um estudo revelador das vantagens de ligar as zonas de produção vitícola aos rios que as atravessam. Com uma área que vai de Tomar a Porto Alto, num total de 20 mil hectares, e 6% de quota de mercado, a região faz da certificação dos seus vinhos uma bandeira, a par da exportação, já a absorver 40% da produção para levar a indicações geográficas do Tejo até mercados como a China, Angola, Inglaterra e Suécia.

“O objetivo é duplicar o número de certificações em cinco anos e passar os 18 milhões de garrafas”, diz Giovanni Nigra, da direcção da CVR Tejo.

MARGARIDA CARDOSO  
mmcardoso@expresso.impressa.pt